

Sindicato exige ação contra carne ilegal

O Sindicato do Comércio Varejista de Carne Fresca encaminhou esta semana um ofício ao governador Wanderley Vallim, pedindo providências contra a entrada de carne clandestina no DF. Segundo o presidente do Sindicato, Franklin Roosevelt, esta quantidade vem aumentando a cada dia e a saída para solucionar o problema é a criação de áreas para a construção de pequenos abatedouros.

Ele informou que em Brasília existem apenas dois frigoríficos, que preferem vender a carne para outros estados por causa da isenção do ICMS. No DF, a cobrança do imposto não chegou a ser suspensa como aconteceu em outros estados. Assim, se o abatedor vende o boi para outro es-

tado, ele lucra com a isenção, mas se vender para dentro do DF, ele paga o ICMS.

A denúncia sobre a entrada de carne clandestina no DF veio à tona mês passado, quando o **CORREIO BRAZILIENSE** comprovou a denúncia do diretor do Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal e Vegetal, Hudson Aquino, segundo a qual, mais da metade (60 por cento) da carne comercializada nos açougues, supermercados e mercearias de Brasília é de origem clandestina e qualidade duvidosa.

Nos restaurantes, hotéis e churrascarias a situação é ainda pior: 90 por cento das carnes servidas não passam pelo contro-

le de qualidade dos órgãos de fiscalização. De todas as carnes comercializadas, a linguiça é a mais perigosa, porque o produto é feito em pequenas fábricas clandestinas, com dosagens de salitre para conservar, o que pode gerar impotência sexual e até cegueira. Na ocasião, o diretor do Departamento de Inspeção confessou a falta de estrutura para impedir o abate ilegal.

A carne clandestina que chega ao DF vem principalmente de Unaí, Brasilinha e Santo Antônio do Descoberto. Segundo Franklin, os abatedouros funcionam sem a menor condição de higiene. Outro problema abordado no ofício para o governador foi a contaminação de hortigranjeiros pelo uso de agrotóxicos.